

Um brinde à esperança

Pedro Marconi
Reportagem Local

Mulheres em tratamento contra o câncer de mama, famílias e equipe médica, cada um com uma taça na mão. Com os copos para o alto, e diversos sorrisos, brindaram a vida. Assim foi encerrado encontro realizado no Hospital Evangélico de Londrina nesta quinta-feira (11), que serviu para o acolhimento e orientação de mulheres em tratamento de câncer de mama e seus familiares. O evento faz parte da programação do Outubro Rosa, mês dedicado à doença visando fortalecer o debate sobre o tema.

Evento reuniu mulheres em tratamento contra o câncer de mama e familiares para transmitir mensagem de força

Durante a tarde, cerca de 40 mulheres, num total de 90 participantes, tiveram à disposição testemunhos de quem venceu a doença, palestra sobre prevenção para as famílias, sorteio de brindes e café. “Trabalhamos com tratamento de quimioterapia há cerca de 20 anos, porém em ambulatório se-

parado. Há um ano trouxemos esse serviço para o hospital e vimos a necessidade de transmitir aos pacientes sentimentos de esperança, mostrar que existem tratamentos eficazes e passar força para enfrentar a doença”, explicou Sirlene Aparecida Scarpin Tsukamoto, supervisora da ala de quimio-

terapia da instituição.

Segundo ela, o roteiro do encontro foi planejado junto com as pacientes que tratam o câncer de mama no hospital. O objetivo foi permitir que imprimissem suas demandas no que seria desenvolvido. “Vimos que elas queriam algo animado, não triste”, detalhou Concomi-

tante à organização do evento foi feita uma campanha solidária entre as próprias pacientes e equipe de saúde, sendo arrecadado mais de dois mil produtos de higiene pessoal e roupas. Os objetos serão doados para os pacientes que não têm condição de adquirir esses materiais ou que ficam sem por

não estarem preparados para uma internação.

Graduada em enfermagem, Tsukamoto destacou que a intenção de se somar às famílias neste momento foi proposital, pois exercem papel fundamental durante o enfrentamento do tumor. “O tratamento é sofrido e a família sofre junto. Então os familiares trazem ânimo para eles e com este apoio a recuperação é melhor”, incentivou. Entre janeiro e setembro de 2018, cem pacientes iniciaram tratamento no hospital exclusivamente de câncer de mama. O evento, que ocorreu pela primeira vez ano passado, deve continuar anualmente.

De acordo com o Inca (Instituto Nacional do Câncer), o câncer de mama é o segundo tipo mais comum entre as mulheres. O órgão estima que em 2018 serão cerca de 60 mil novos casos. “Por isso é necessário o autoexame, mamografia periódica a partir dos 35 anos de idade, alimentação saudável, atividade física e consultas constantes”, orientou. “Quanto mais precoce for o diagnóstico, mais rápido será o tratamento e maior a chance de cura. Quando detectar algo diferente nos seios, a mulher precisa buscar atendimento”, advertiu.

O tratamento varia a cada caso e depende do que o exame detecta e do protocolo que é indicado pelo especialista. “O ambiente em que é feito o tratamento colabora muito (para a recuperação), pois ele tem que ser de gratidão, atenção e carinho”, elencou Sirlene Scarpin, do Hospital Evangélico de Londrina.

‘Minha vitória será a deles’

Atualmente passando pelas sessões de quimioterapia após retirar a mama, a professora Ana Carolina Duarte Sanches descobriu o tumor em abril de 2018, sendo submetida ao procedimento cirúrgico dois meses depois. A descoberta de que tinha o câncer de mama veio em um momento de tribulação na vida familiar, quando ajudava a sogra, que também enfrentava a doença, porém em outro parte do corpo. Preparando-se para iniciar as sessões de radioterapia no começo do ano que vem, a pedagoga tem se mantido firme em sua essência: a alegria.

“Há dois anos minha sogra foi diagnosticada com câncer, que já estava em metástase. Fui morar com ela junto com meu esposo e filhos para poder cuidar. Um ano e meio depois de iniciar essa luta com ela, a doença dela se agravou e descobri meu câncer. Quinze dias após o diagnóstico ela faleceu. Foi um susto para mim (a descoberta), perguntei para meu marido o que fomos fazer, pois já estávamos vivendo um momento difícil, ele me pediu calma e falou que tínhamos um Deus que sabia de todas as coisas”, relembrou. “Foi a única vez que chorei e pedi para Cristo não tirar de mim minha alegria e fé”, contou.

E nada disso foi retirado. Sanches contou para os filhos e familiares sobre a doença, recebendo deles a força que precisava para enfrentar o tratamento. “Todos foram solidários. Desde en-



Ana Carolina Duarte Sanches tem na mãe Maria Clara Tarallo Duarte a companhia para enfrentar o tratamento de câncer de mama

tão tenho recebido um amor, uma disponibilidade da família, dos amigos. Minha vitória será a deles também. Minha alegria e fé têm me feito ‘dançar na chuva’ em meio a tempestade”, comparou.

Mais do que mãe, Maria Clara Tarallo Duarte tem sido uma companheira para a filha mais velha. Ela expressou que a ciência sobre a doença de Sanches não foi fácil. “Estava viajando e quando me contaram meu mundo desabou. Me revoltava muito e questionava por que a doença era nela e não em mim, que já vivi bastante. Mas só chorei nesse dia e desde então tenho ficado junto dela. Tinha um brechó e meu amor por ele era grande, entretanto larguei tudo para cuidar da minha filha, acompanho ela em todos os

lugares”, emocionou-se.

De mãos dadas, mãe e filha têm ajudado uma a outra, sempre com muito alto astral. “Ela me deu uma força que não sabia que tinha. Se ela não chora por que vou chorar? A Ana é muito feliz, ninguém lembra que debaixo do lenço (na cabeça) existe uma doença”, afirmou Duarte, que esteve com Sanches durante evento sobre câncer de mama no Hospital Evangélico. “Senti um caroço no seio por meio do autoexame, fiz exame clínico, mas pela correria não abri. Foi crescendo e só voltei ao médico um ano depois. Se a mulher nota algo diferente, não pode fazer como eu”, recomendou a professora. (P.M.)

AVENIDA PARANÁ

por Paulo Briguet

O historiador que virou à direita

Eu não poderia deixar de compartilhar com vocês, caros sete leitores, o texto em que meu amigo Gabriel Giannattasio, historiador e professor da UEL, fala com sinceridade sobre sua guinada pessoal em direção ao conservadorismo político. São palavras lancinantes, escritas com o coração nas mãos:

“No início dos anos 1980 o meu peito era do contra, contra a ditadura e em defesa das liberdades. Me engajei na criação do PT e votei nos candidatos deste partido em todas as eleições até 1989.

Depois disso o meu peito se recusou a passar procuração a quem quer que fosse. Com o fim da ditadura militar, fui me afastando ideologicamente do partido, por entender que havíamos, juntos, cumprido nossa função histórica.

Mas as lições daqueles tempos, de intenso aprendizado, me permitiram reconhecer o DNA da engenharia política dos partidos de esquerda: apostar na divisão da sociedade e agir intensificando os conflitos, de classe, de raças, familiares e sexuais. Foram décadas de propagação da mesma mensagem: ‘Nós contra eles’.

Quase quinze anos de poder, inspirados num pensamento de matriz marxista, nos levaram à situação em que nos encontramos hoje: radicalmente divididos, intratáveis, belicosos, ressentidos, intolerantes.

A política que, insistentemente, apostou na fratura, na divisão, no impasse, na ruptura institucional e no ódio foi a principal responsável pela produção do fenômeno chamado Jair Messias Bolsonaro. Não fosse Jair, ele teria um outro nome qualquer, mas com características muito semelhantes à do perfil político de Bolsonaro.

Chegamos a uma situação-limite. Como docente de um curso de História numa universidade pública, sou testemunha ocular da hegemonia do pensamento de esquerda nos ambientes acadêmicos e luto para evitar que o microcosmos no qual estou inserido se torne modelo de sociabilidade na vida dos brasileiros.

“Ex-militante de esquerda, professor da UEL fala sobre sua opção pelo conservadorismo na atual situação do país



Precisamos uma nova força política, capaz de pacificar a sociedade, conduzindo os distintos interesses de grupo, de classes, de etnias, no sentido da construção de um novo projeto de Brasil. Para isso, há dois caminhos possíveis. De um lado, entregar o país àqueles que nos conduziram ao estado em que nos encontramos e que prometem nos levar para infernos ainda piores; de outro, um fenômeno político inédito cujo destino ainda é incerto.

Aqueles que conduziram a nação nos últimos 15 anos nos deram as piores lições e, não bastasse, mostraram-se incapazes de um único gesto de desculpas. Pior, responsabilizam os outros pelos seus erros. Não é isto que eu ensino para o meu filho. Digo a ele: ‘Tenha um ato de grandeza, assumo os seus erros’. Há nobreza em dizer: ‘Errei’. Mas isso a esquerda nunca fez e nunca fará. Basta!

Passados quase 30 anos da última eleição da qual participei, é chegada a hora de experimentarmos a grande onda do conservadorismo. Há três décadas ajudei a criar o monstro que nos aflige; agora contribuí para que nos livremos dele.

Alguns estranharão o meu gesto. Não importa. Na encruzilhada histórica, virei à direita para reencontrar o Brasil.”

“Senti um caroço no seio, fiz exame, mas pela correria não abri. Foi crescendo e só voltei ao médico um ano depois”

MINISTÉRIO DA CULTURA E COLÉGIO UNIVERSITÁRIO APRESENTAM

29ª EDIÇÃO

APLAUSE

PROFISSIONAIS

ESPECTÁCULO DE PATINAÇÃO ARTÍSTICA

19 E 20 OUT. 2018 SEXTA E SÁBADO 21 HORAS MORINGÃO

ACESSE O SITE E PARTICIPE!

FOLHADELONDRIINA.COM.BR/CLUBEDOASSINANTE

Clube do Assinante FOLHA

ASSINANTE FOLHA CONCORRA A CONVITES GRATUITOS

FOLHA DE LONDRIINA O JORNAL DO PARANÁ

Fale com o colunista: avenidadaparana@folhadelondrina.com.br